

Património Artístico Madeirense: O Espaço da Obra de Arte (Plástica) e dos seus Operadores Estéticos – O Quê, Quem e Como Deve (?) Integrar os Programas Curriculares



Revista Portuguesa
de Educação Artística

Madeira's Artistic Patrimony: The Space of the Work of Art and of its Aesthetic Operators – What, Who and As It Must (?) Integrate the Curricular Programs

Rita Rodrigues

Escola Secundária Francisco Franco (Funchal)

rodrrita@gmail.com

RESUMO

Partindo do seu tempo original, o contexto, e chegando ao estado atual da vida da obra de arte, a sua trans-contextualidade, por um lado, e por outro compreendendo que toda a obra de arte é contemporânea (Arthur Danto), excita e provoca o debate (Umberto Eco), temos de defender que todos os testemunhos artísticos existentes no Arquipélago da Madeira, produzidos e/ou incorporados, que chegaram à (nossa) contemporaneidade, ou dela fazem parte integrante, consequência e atitude das vivências espirituais, estéticas e técnicas dos artistas, dos encomendantes/clientes e dos públicos/fruidores, devem ser objetos de estudo, vivência e experimentação.

Cabe às gerações atuais o papel de conservar, promover e valorizar o património cultural e artístico madeirense de forma a incutir nos mais jovens curiosidade, interesse e responsabilidade.

O corpus de obra artística existente no Arquipélago da Madeira, entendendo a obra de arte enquanto documento vivo, é, e não descurando a pertinência de uma Cripto-História de Arte, por si só, razão suficiente para exigir a organização de um dicionário e/ou elucidário de arte madeirense (impresso ou em formato CD/DVD book ou em rede *on line*) que identifique e caracterize o património artístico regional, coordenado por uma equipa científica e multidisciplinar.

Palavras-chave: Madeira; Arte; Dicionário; Elucidário.

ABSTRACT

Each work of art, from its original context and time to its present state, (its trans-contextuality), can be understood as contemporary (Arthur Danto), and capable to stimulate a debate (Umberto Eco). Therefore, we have to sustain that every artistic testimony from Madeira Archipelago, locally produced and/or incorporated, as a result of spiritual, aesthetic and technique issues of the artists, clients and public, which has arrived to our present time, or has become a part of it, must be studied and experienced.

The present generations have to preserve, promote and value the cultural and artistic Madeiran heritage in order to develop curiosity, interest and responsibility among the younger generation.

The artistic corpus of Madeira Island, (including the disappeared but documented works), considered as a live document, is rich enough to demand the organization of a dictionary of Madeira Art (printed, CD/DVD format or online) organized by a multiple disciplinary and scientific team, able to produce an efficient tool for the identification and characterization of the regional heritage.

Keywords: Madeira; Art; Dictionary; *Elucidário*.

“A arte é uma daquelas coisas que, como o ar ou o solo, está em todo o lado à nossa volta, mas acerca da qual raramente nos detemos a pensar”.

(Read, 1982: 28)

O Arquipélago da Madeira regista quase seiscentos anos de História.

Na Ilha da Madeira, *“assemelhando-se a uma folha d’alamo”* (Câmara, 1841: 2), e na Ilha do Porto Santo, quer em espaços sagrados como conventos, igrejas e capelas, quer em museus e núcleos museológicos, quer em coleções públicas ou privadas, ou em centros ou galerias de arte, observamos artefactos que representam a vivência dos homens desde o século XV até aos nossos dias.

Desses artefactos interessam-nos as obras de arte (plástica), entendida, aqui, na sua maior abrangência possível dentro de todas as modalidades artísticas (desenho, pintura, escultura, talha, azulejaria, ourivesaria, gravura, serigrafia, fotografia, vídeo, instalação, moda, etc.), extensiva, evidentemente, à arquitetura e design, cuja produção foi fruto de encomenda a artistas estrangeiros ou nacionais, que distantes do arquipélago criaram de acordo com diretrizes específicas, nos tempos mais recuados, ou mais recentemente regidos pelas liberdades expressivas contemporâneas; ou os testemunhos deixados por artistas que pela ilha passaram em correria, ou que aqui se fixaram por períodos diferenciados, olhando o nosso mundo através de outros saberes e vivências; ou toda a produção de artistas madeirenses, primeiro como meros oficiais mecânicos e depois como homens de uma arte liberal que chegou ao século XXI, fruto de uma longa caminhada dos ilhéus que partiram, dos que partiram e regressaram, ou dos que simplesmente ficaram.

Considerando o seu tempo original, o contexto, e chegando ao estado atual da vida da obra, a sua trans-contextualidade, por um lado, e por outro compreendendo que toda a obra de arte é contemporânea (Arthur Danto), excita e provoca o debate (Umberto Eco), temos de defender que todos os testemunhos artísticos existentes no Arquipélago da Madeira, que chegaram à (nossa) contemporaneidade, ou dela fazem parte integrante, consequência e atitude das vivências espirituais, estéticas e técnicas dos artistas, dos encomendantes/clientes e dos públicos/fruidores, devem ser objetos de estudo.

Atendendo que, numa definição genérica, a obra de arte é

“qualquer forma de atividade do homem enquanto testemunho ou exaltação do seu talento inventivo e da sua capacidade expressiva no campo estético” (Calabrese, 1986: 7), sendo no seu caráter específico *“uma qualidade intrínseca de certas obras produzidas pela inteligência humana, isto é, constituídas em geral só por materiais visuais, que manifeste um efeito estético, conduza a um juízo de valor sobre as obras em si ou sobre os seus conjuntos ou sobre os seus autores, e que dependa de técnicas específicas ou de modalidades de produção das próprias obras”* (Calabrese, 1986: 8), então, colocamos para reflexão e debate as problemáticas subjacentes ao *património artístico madeirense: o espaço da obra de arte (plástica) e dos seus operadores estéticos – o quê, quem e como deve (?) integrar os programas curriculares.*

Defendemos, simplesmente, que cada disciplina curricular, das artes ou de outra área do conhecimento, de qualquer grau de ensino, deverá apresentar nos seus programas oficiais, a nível nacional, de acordo com a coesão exigível a um país democrático, um módulo, capítulo, área, unidade, conteúdo ou tema, determinado institucionalmente, apenas, no número de horas ou tempos letivos, para o estudo, desenvolvimento, pesquisa e experimentação sobre o património cultural e artístico de uma região, deixando inteira liberdade de gestão programática às áreas administrativas escolares, às escolas, aos grupos disciplinares, aos docentes e alunos, como à comunidade educativa. Assim, todas as disciplinas, dentro da sua especificidade científica, didática e pedagógica, aproveitariam as realidades locais, acessíveis e reais, para vivenciar um processo de ensino-aprendizagem visando um maior sucesso educativo.

No caso particular das Artes Plásticas, Arquitetura e Design, promoviam-se uma formação cultural e artística fortemente sedimentada no conhecimento e consciência de proteção e valorização do património construído pelas diferentes gerações ao longo dos séculos, num profundo ato de cidadania; desenvolviam-se mecanismos e metodologias para formar e educar públicos cada vez mais específicos e críticos (fruidores) dos fenómenos culturais compreendendo os processos históricos e artísticos subjacentes às singularidades identitárias de uma região ou localidade. Urge entender o *“Património como corpo vivo, com características vivenciais plurais, dialéticas e transformadoras, vendo-o como testemunho artístico contemporâneo na medida em que afeta o olhar do presente e constitui um garante de legitimação de identidades”* (Serrão, 2009: 2).

Os Museus e/ou os núcleos museológicos, entendidos



na sua ampla circunstância patrimonial, cultural e artística, extensivos a sítios, praças, ruas, edifícios, etc., são locais de exposição, divulgação, promoção e conservação de objetos de conhecimento (arte, ciência, tecnologia) ou da vivência (etnologia, etnografia, antropologia), por isso, é responsabilidade de todo o cidadão preservar os seus artefactos enquanto objetos de memória¹. Segundo Filomena Barata só se valoriza o passado conhecendo-o e experimentando-o (Barata, 1991: 6), por isso, os museus e/ou espaços museológicos devem ser aproveitados como campos germinadores das mais diversas estratégias de aprendizagem através de dinâmicas científico-pedagógicas, sendo (acreditamos) espaços ideais para gerar novas experiências educativas e proporcionar uma educação patrimonial (Campos, 2004: 6).

O *corpus* de obra existente no Arquipélago da Madeira, entendendo a obra de arte enquanto *documento vivo* é, e não descurando a pertinência de uma Cripto-História de Arte (Serrão, 2001), por si só, razão suficiente para exigir a organização de um dicionário e/ou elucidário de arte madeirense (impresso ou em formato CD/DVD book ou em rede *on line*) que identifique e caracterize o património artístico regional, coordenado por uma equipa científica, cuja estruturação passaria, eventualmente, por duas ou três fases distintas:

- uma primeira fase identificadora da época moderna;
- uma segunda fase identificadora da época contemporânea;
- e eventualmente uma fase alusiva aos séculos XX e XXI ou à produção artística depois da abertura do ensino artístico na Madeira (1956) ou pós-revolução de 25 de Abril (1974), balizas que merecem análise e debate.

A nível organizacional seriam consideradas autorias (regionais, nacionais e estrangeiras); áreas ou modalidades artísticas (abrangendo o desenho, fotografia, vídeo, instalação, cinema, moda, artes plásticas, pintura, escultura, talha, azulejaria, ourivesaria, fresco, etc.); cronologias (desde o século XV à atualidade) e locais de produção (internos ou externos – regional, nacional ou estrangeiro). Ressalve-se que o relevante não será estudar a “arte madeirense” mas o património artístico existente na Madeira, aqui produzido ou no arquipélago incorporado, desde o tempo da colonização

¹ Memória como lembrança, recordação, invocação, reminiscência, memoração, vestígio, sinal, indício, registo. Ver Machado, José Pedro (1981). “Memória” in *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Vol. VII, Amigos do Livro Editores, 160-161; Idem (1977). “Memória” in *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa com a mais antiga documentação escrita e conhecida de ... vocábulos estudados*. Vol. IV, M-P, 3.^a ed. Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 100; Fernandes, Francisco. “Memória” in *Dicionário de sinónimos e antónimos da Língua Portuguesa*. 40.^a ed., 603; Nascentes, Antenor (1966). “Memória” in *Dicionário da Língua Portuguesa*. Vol. J-P, 3.^a Tomo. Brasil: Departamento de Imprensa Nacional, 146.

até ao presente, quer em coleções públicas ou privadas.

Para o período que medeia o século XV o século XIX devemos referir vários estudos que foram as primeiras plataformas de investigação, como os contributos de Pita Ferreira, Eduardo Pereira e Fernando Augusto da Silva, entre os anos 20 e 60 do século XX, especialmente as suas obras (*Sé do Funchal, Ilhas de Zargo, Elucidário Madeirense e Colégio dos Jesuítas*) cujos textos são referências incontornáveis, carecendo, no entanto, de uma revisitação de forma a corrigir ou completar as verdades históricas e permitir uma nova leitura estética. E ainda Artur Sarmento. Mas outras personalidades distinguem-se pelo sentido apurado de observação analítica-descritiva da obra de arte: Peter Clode, Cayolla Zagalo, Jácome Correia, Emmanuel Ribeiro, Artur Sarmento, Robert Smith e Santos Simões. Desde os anos 60 até à presente década investigadores como Luiza Clode, Rui Carita, Vítor Serrão, Fernando António Batista Pereira, Isabel Santa Clara, Francisco Clode de Sousa e Rita Rodrigues vêm contribuindo com uma investigação teórico-metodológica assente em estudos iconográficos e iconológicos que abriram um novo ciclo para o conhecimento da história da arte na Madeira, porque experimentados à luz de recursos documentais e de novas metodologias. Sendo de referência obrigatória algumas publicações de Sainz-Trueba, Nelson Veríssimo e João Lizardo.

Para os séculos XIX a XXI conta a região com os tributos de António Gorjão e António Marques da Silva, e com a investigação de alguns dos autores acima citados, com maior destaque para Isabel Santa Clara e Francisco Clode de Sousa, mas também de Carlos Valente e de jovens investigadores que pouco a pouco vão sedimentando a história da arte na Madeira, destacando-se Paulo Ladeira, Teresa Vasconcelos, Alexandra Gonçalves, Emanuel Gaspar e Agostinho Lopes.

Outros contributos podem ser encontrados nos vários artigos publicados em revistas e jornais de edição local: *Das Artes e da História da Madeira* (1950-1972); *Tempos* (1964); *Mundus* (anos 60); *Atlântico* (1980-1995); *Filigrana – Mail-Art Zine* (1981-1983); *Espaço-Arte* (1977-1995); *Margem 2* (Câmara Municipal do Funchal, desde 1995); *Islenha* (Direção Regional Assuntos Culturais, desde 1980) e mais recentemente *Xarabanda* (Grupo Xarabanda), *Girão* (Câmara Municipal de Câmara de Lobos) e *Origens* (CMSC). De jornais destacam-se o *Patriota Funchalense* (1821-1823), o *Heraldo da Madeira* (1904-?), o *Comércio do Funchal* (1967-1975), o *Diário de Notícias*, o *Jornal da Madeira* e o *Tribuna da Madeira*.

A abertura de diversas instituições diretamente

relacionadas com o património, cultura e arte, como museus, galerias, arquivos, bibliotecas, centros e casas de cultura, e ainda a realização de exposições e edições de catálogos, são de referência obrigatória cujas atividades estão registadas na imprensa, em panfletos e em catálogos: 1780 – *Arcádia Funchalense*; 1821-1823 – *Academia: A Sociedade Funchalense dos Amigos das Ciências e das Artes*; 1838 – *Biblioteca da Câmara Municipal do Funchal*; 1930 – *Biblioteca Municipal do Funchal*; 1931 – *Arquivo Regional da Madeira*; 1934 – Levantamento do espólio de arte flamenga existente na Madeira pelo Dr. Manuel Cayola Zagallo; 1943 – *Sociedade de Concertos da Madeira* (fundada por Peter Clode e William Clode); 1945 – *Academia de Música da Madeira*; 1955 – *Academia de Belas Artes da Madeira* (dentro da AMM); 1949 – Exposição no Museu de Arte Antiga (Lisboa) do espólio de arte flamenga, património madeirense (após longo processo de restauro); 1949 – *Lampadários – Património Artístico da Ilha da Madeira* (coordenação de Luiz Peter Clode); 1949 – *Exposição de gravuras antigas da Madeira* (Casa-Museu César Gomes); 1951 – *Exposição de Ourivesaria Sacra* (coordenação de Luiz Peter Clode e Pita Ferreira, Convento de Santa Clara); 1953 – *Museu Quinta das Cruzes* (inicialmente com a designação de *Casa-Museu César Gomes*); 1954 – *Exposição de Escultura Religiosa* (coordenada por Luiz Peter Clode e Pita Ferreira, Convento de Santa Clara); 1955 – *Cine Clube do Funchal* (dinamizado por António Aragão); 1955 – *Museu de Arte Sacra do Funchal*; 1955 – *Ateneu Comercial do Funchal* (cujo edifício foi adquirido pelo Governo Regional da Madeira em 2006); 1966 – *Cine Fórum do Funchal* (fundado por José Maria da Silva); 1978-1979 – *Assessoria para os Assuntos Culturais* integrada na orgânica da Secretaria Regional de Educação e Cultura dentro da qual nasceu a *Direção Regional dos Assuntos Culturais*; 1979 – *Sala de Documentação Contemporânea* (iniciativa de Sara de Portugal que dará origem à *Biblioteca Pública Regional da Madeira*); 1980 – *Gabinete Coordenador de Educação Artística* (data do início do seu projeto piloto cuja oficialização ocorreu em 1989 como *Gabinete de Apoio à Expressão Musical e Dramática*, adotando a atual designação em 1997; o seu *Centro de Investigação e Documentação*, designação que data de 2009, remonta já as suas primeiras experiências a 2004); 1981 – *Galeria Quetzal*; 1981 – *I Encontro Cultural Funchal-Lisboa*; 1982 – *Photographia – Museu Vicentes* (depois da compra do atelier e recheio da *Photographia Vicente*, em 1979, pelo Governo Regional da Madeira); 1983 – *I Bienal dos Açores e do Atlântico* (Ponta Delgada, Açores); 1985 – *Centro de Estudos de História do Atlântico*; 1986 – *Circularte – Associação de Artistas Plásticos da Madeira*

(fundada por uma equipa liderada por José Júlio Castro Fernandes); 1987 – *Museu Henrique e Francisco Franco*; 1987 – *Marca Madeira: Festival de Arte Contemporânea* (coordenada por Francisco Faria Paulino); 1988 – *Casa-Museu Frederico de Freitas* (espólio legado em 1978 pelo Dr. Frederico de Freitas à RAM); 1988 – *Fórum de Arte Contemporânea* (Lisboa); 1989 (a 1994) – *Galeria Funchália*; 1989 – *Casa Colombo – Museu do Porto Santo* (inicialmente com a designação *Casa-Museu Cristóvão Colombo*); 1990 – *Galeria da Associação Quebra Costas - Porta 33*; 1992 – *Museu de Arte Contemporânea do Funchal*; 1992 – *Curso de Cinema e Audiovisual* (ministrado pelo realizador Lauro António, Instituto Franco-Português, através de uma extensão do *Cine Fórum do Funchal*); 1992 – *Quinta do Revovedo – Casa da Cultura de Santa Cruz*; 1995 – *Área Museológica do Palácio de São Lourenço*; 1996 – *Museu Etnográfico da Madeira*; 1996 – *Núcleo Museológico da Cidade do Açúcar*; 1996 – *Núcleo Museológico do IBTAM*; 1997 – *Museu Casa da Luz*; 1997 – *Jornadas Académicas do I.S.A.D.*; 1997 – *Marca Madeira: Festival de Arte Contemporânea* (coordenação de Francisco Faria Paulino); 1997 – *Museu de Arte Sacra do Funchal – Arte Flamenga* (coordenação de Luiza Clode e Fernando António Batista Pereira); 1998 – *Casa da Cultura Calheta – Casa das Mudanças* (futuro *Centro das Artes – Casa das Mudanças*); 2000 – *A Madeira nas rotas do Oriente* (coordenação de Francisco Clode de Sousa); 2000 – *20 Anos de Artes Plásticas na Madeira – Museu de Arte Contemporânea do Funchal: 1999-2000* (coordenação de Isabel Santa Clara, Carlos Valente e Francisco Clode de Sousa); 2001 – *Casa da Cultura de Câmara de Lobos*; 2002 – *Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias*; 2003 – *Biblioteca Pública Regional da Madeira*; 2004 – *Centro das Artes – Casa das Mudanças* (Calheta); 2005 – *Eucaristia: Mistério de Luz* (Museu de Arte Sacra do Funchal, coordenação de Francisco Clode de Sousa e Luiza Clode); 2005 – *A Madeira nas rotas do Oriente* (reedição integrada nos 500 Anos Funchal); 2005 – *Núcleo Arqueológico da Junta de Freguesia de Machico*; 2006 – *Galeria Casa das Mudanças – Centro das Artes* (Calheta); 2008 – *Horizonte Móvel – Artes Plásticas na Madeira: 1960-2008* (coordenação de Isabel Santa Clara); 2008 – *Obras de referência dos Museus da Madeira* (Museu de Arte Sacra do Funchal, coordenação de Francisco Clode de Sousa e Luiza Clode); 2008 – *Galeria dos Prazeres*; 2009 – *A experiência da forma: Um olhar sobre o Museu de Arte Contemporânea* (Centro das Artes – Casa das Mudanças, comissariada por Francisco Clode de Sousa); 2009-2010 – *Obras de referência dos Museus da Madeira* (Galeria de Pintura do rei D. Luís I – Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa, comissariada por Francisco



Clode de Sousa e Graça Mendes Pinto).

A instituição de prémios veio dar visibilidade à produção artística bem como o intercâmbio de artistas nacionais e regionais, infelizmente com pouca assiduidade. Destacamos: 1966 e 1967 – *Prémio Cidade do Funchal* (iniciativa da Delegação de Turismo, patrocinada pela então Junta Geral do Distrito e pela Câmara Municipal do Funchal, permitindo a aquisição de um espólio artístico que foi a base do Museu de Arte Contemporânea do Funchal); 1999 – *Prémio Henrique e Francisco Franco* pelo Centro das Artes – Casa das Mudanças, em parceria com a Câmara Municipal da Calheta, de cariz bienal.

Podemos ainda referir o papel na cultura regional desenvolvido pelos teatros e cinemas no Funchal. Antes de 1780 havia já na capital um teatro, *Comédia Velha*, situado na Rua das Fontes, demolido em 1829; 1780-1833 – *Teatro Grande*; 1833-1838 – *Teatro Bom Gosto*; 1840 – *Teatro Prazer Regenerado* (que funcionou no extinto Convento de São Francisco); 1842-1856 – *Concórdia* (sociedade dramática); 1858 – *Tália* (sociedade dramática); 1887 – *Teatro D. Maria Pia* (depois designado por *Teatro Funchalense*, *Teatro Manuel de Arriga*, *Teatro Baltasar Dias* ou por *Teatro Municipal do Funchal*, designação que mantém até aos dias de hoje); 1859 – *Teatro Esperança*; 1909 – *Teatro Circo*; 1911 – *Pavilhão Paris*. Os cinemas integraram a vida cultural na Madeira a partir dos anos 50-60 do século XX com o *Cine Jardim*, o *Cine Parque*, o *Cinema João Jardim*, o *Cine-Clube*, o *Cine Fórum do Funchal* e o *Cine-Casino*, e mais recentemente com as salas de cinema integradas nos centros comerciais mas que se limitam a meras salas de projecção.

A *Feira do Livro*, promovida pela Câmara Municipal do Funchal desde 1974, tornou-se um palco de manifestação cultural e artística.

Foram estes acontecimentos que ligaram a Madeira ao mundo da Arte, encurtando distâncias, diminuindo diferenças...

É evidente que para uma reflexão sobre *Património artístico madeirense: o espaço da obra de arte (plástica) e dos seus operadores estéticos – o quê, quem e como deve (?) integrar os programas curriculares* é necessário, para além das situações já enunciadas, particularizar alguns acontecimentos que contribuíram para a produção artística contemporânea.

Em 1807 foi criada na cidade do Funchal a “Aula Régia de Desenho e Pintura” por iniciativa do pintor Joaquim Leonardo da Rocha (Valente, 1991; Gonçalves, 2007). A oficialização deu-se por Carta Régia (7 de julho de 1809) e seguia os parâmetros científicos e pedagógicos dos academismos

da época: cópia e imitação de modelos clássicos. Em 1877 a Câmara Municipal do Funchal criou um curso de desenho, de nível muito rudimentar, mas que vinha colmatar a lacuna deixada pela extinta “Aula Régia de Desenho e Pintura”. Mais técnico do que artístico, este curso durou até 1892.

Independentemente de toda a estrutura curricular as escolas geram experiências culturais, e na verdade duas escolas funchalenses marcam, desde o século XIX, a vida cultural da cidade. Referimo-nos ao antigo *Liceu do Funchal*, fundado em 1836 e designado por *Escola Secundária Jaime Moniz* a partir de 1980, e à antiga *Escola Industrial Josefa de Óbidos*, nascida em 1889, e que desde 1979 tomou a designação de *Escola Secundária Francisco Franco*. Da primeira salientamos as experiências científicas-pedagógicas de “Hora de Arte” que incluía concertos mas também encenações teatrais, representações e interpretações de “quadros vivos” de pinturas antigas, referências da história da arte mundial, que foram apresentadas nos anos 40 e 50 do século XX sob orientação de William Edward Clode (Clode, 2000)². Entretanto, a *Escola de Desenho Industrial Josefa de Óbidos* nasceu na sequência do ensino industrial que vigorava no país e que visava a formação de quadros para a indústria portuguesa, e na qual eram lecionadas as aulas de *Desenho Elementar*, *Desenho Arquitetónico* e *Desenho Ornamental*. Em 1891 tomou a designação de *Escola Industrial e Comercial António Augusto Aguiar*, passando mais tarde para *Escola Industrial do Funchal* (1893). Foram seus mestres e professores, entre outros, Francisco Franco (pai), e os pintores Henrique Franco, Alfredo Miguéis, Abel Manta e Arnaldo Louro de Almeida.

No século anterior, desde pelo menos 1780, a cidade do Funchal relacionava-se com a experiência teatral, embora a nível de teatro religioso haja testemunhos que remontam ao século XVI. No entanto, é sem dúvida a construção do *Teatro Municipal Baltasar Dias*, inaugurado em 1887, projeto de Tomás Augusto Soler, decoração e pintura de Luigi Manini e Eugénio Cotrim, inicialmente denominado de *Teatro D. Maria Pia*, que permitiu a apresentação de peças nacionais e estrangeiras e ainda concertos de música clássica, mostrando que a condição de zona periférica da cidade do Funchal não impedia (totalmente) o contacto direto com a arte (de padrões clássicos e académicos) e que através dos mecanismos existentes era possível a educação (mesmo que, apenas, ao nível das elites sociais e económicas) do público madeirense. Apesar disso, os estrangeiros, especialmente os britânicos,

² Estamos preparando um artigo sobre esta atividade, “Hora de Arte”. Agradecemos, desde já as prestimosas informações facultadas pela Dr.ª Luiza Clode.

que esporadicamente passavam pelo Funchal ou que aqui residiam, denunciavam a inexistência de teatros ou de concertos de música de qualidade (Faria, 2005).

Durante o século XVIII a Madeira abraçou outras iniciativas de caráter cultural, a nível literário, como a *Arcádia Funchalense* criada pelo poeta Francisco Xavier de Ornelas, em 1780, e em 1821 a cidade do Funchal viu fundada a *Sociedade Funchalense dos Amigos das Ciências e das Artes*. Esta tradição das tertúlias foi retomada no século XX, no contexto do *Modernismo Português*, através da *Geração do Cenáculo* que usava o *Café Golden Gate*³ como espaço de discussão e reflexão da Arte e da Literatura. É neste contexto que nasceu o *Grupo de Artistas Independentes* que contou com a participação de Francisco Franco (escultor), Henrique Franco e Alfredo Miguéis (pintores) e João Cabral do Nascimento (poeta).

Não podemos esquecer o papel desenvolvido pela *Sociedade de Concertos da Madeira* (1943) fundada por Luís Peter Clode e William Clode, pela *Academia de Música da Madeira* (1945) que mais tarde abrirá uma secção de Belas Artes (em 1955, por autorização ministerial) e pelo *Instituto Cultural da Madeira*.

É pela mão da antiga *Academia de Música e Belas Artes da Madeira* (AMBAM) que nasceu, propriamente dito, o ensino artístico na Madeira (1956-1957). Mais tarde (1977), o *Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira* (ISAPM), com um programa curricular compatível com as exigências e qualidades científicas das escolas de Belas Artes (acrescentando aos seus cursos de Pintura e Escultura o curso de Design e Projetação Gráfica e introduzindo cadeiras tecnológicas como Fotografia, Serigrafia e Vídeo), criava uma relação com o mundo exterior à escola, deixando cair os muros da incomunicação. Apostava nas sucessivas mostras e exposições de obras e trabalhos de docentes e alunos daquela instituição, desenvolvendo e organizando conferências, debates, colóquios, seminários e cursos (abertos ao público em geral), publicando a *Revista Espaço Arte*, e em 1997 iniciando as *Jornadas Académicas* já como *ISAD*, na sequência da reestruturação curricular, e que, segundo os diversos procedimentos logísticos, permite, hoje, estar integrado na *Universidade da Madeira* no Centro de Competências de Artes e Humanidades. Mais importante que os nomes, denominações, são os tempos e as histórias, e, por isso, a Madeira conta com 50 anos de ensino artístico, no entanto, o seu património remonta a um passado

mais distante, bem expresso em toda a arte manuelina, renascentista, maneirista, barroca, rococó, neoclássica, romântica, naturalista, modernista... até às linguagens experimentalistas dos dias de hoje.

A linha que contorna a Ilha da Madeira e o mar que a envolve são as razões sempre apontadas para explicar as problemáticas subjacentes à falta de informação atualizada, à distância dos grandes centros de decisão e de poder culturais... As opções de ficar ou partir ou partir e regressar foram caminhos trilhados por muitos artistas que esta terra viu nascer (ou chegar). Por razões diversas e contextualizadas em tempos próprios, o caminho de cada “eu” é também responsabilidade coletiva, no entanto, o mais relevante é referir autores e obras que marcaram e marcam épocas e linguagem artísticas que foram, são (e acredito que continuarão a ser) referências obrigatórias dos percursos da Arte Portuguesa. São estes autores e as suas obras que devem figurar num dicionário ou elucidário de arte madeirense, sublinhando novamente que o relevante não é a “arte madeirense” mas o espólio artístico existente no Arquipélago da Madeira que deve ser objeto de estudo, de divulgação e de experimentação junto dos alunos de todas as idades, recorrendo a metodologias e estratégias pedagógicas adequadas a cada faixa etária, e de toda a comunidade em geral. Saliente-se, neste contexto, o excelente trabalho desenvolvido pelas direções e equipas dos Serviços Educativos dos Museus da RAM.

Correndo vários riscos optámos por não indicar nomes de autores-artistas, nem modernos, nem contemporâneos, função que caberá a uma equipa científica e multidisciplinar composta por artistas, investigadores, historiadores de arte, críticos de arte, etc. Deixamos, aqui, uma pequena contribuição sobre autores-investigadores que ao longo de décadas contribuíram para a história da arte madeirense e cujos artigos, obras bibliográficas e teses formam uma estrada possível para chegar e permanecer, edificando uma obra de referência bibliográfica, quer em forma de dicionário ou elucidário. Não foi nossa pretensão sermos exaustivos e a omissão de algum autor foi mera eventualidade.

Se a “arte é uma daquelas coisas que, como o ar ou o solo, está em todo o lado à nossa volta, mas acerca da qual raramente nos detemos a pensar” (Read, 1982: 28), então urge refletir, analisar, discutir e debater assuntos referentes ao **quê, quem e como** deve ser integrado em futuros estudos genéricos, parcelares ou especializados, na área da história da arte madeirense, a fim de ser objeto de estudo pelos

3 Café citadino, mesmo junto à Catedral do Funchal, sobejamente vivenciado com tertúlias e descrito pelo escritor Ferreira de Castro: “entre as esquinas do mundo, um dos mais dobrados pelo espírito cosmopolita do século XX” (Castro, 1933).



nossos jovens, não descurando, evidentemente, o papel das galerias e museus como agentes de divulgação e promoção das produções e manifestações artísticas, da ação dos meios de comunicação de massas (jornais, revistas, programas da incumbência da imprensa escrita, radiofónica e televisiva, e hoje todos os mecanismos da internet como sites, blogues, etc.).

Só através do *ensino do ver* é possível proceder a uma alfabetização estética de uma comunidade desprovida, ainda, de hábitos e instrumentos de leitura das obras de arte. Temos defendido, em outras ocasiões, que é necessário repensar a relação entre os “operadores estéticos” (o fazer, o operar, o criar, o inventar, o projetar, o imaginar) e os “fruidores” (o ver, o descodificar, o compreender, o assimilar), ou seja, entre a criação artística e a fruição estética. Ser fruidor é também uma forma de ser criativo enquanto conhecedor das linguagens específicas, dos códigos, dos conceitos. Arte é uma forma de conhecimento que permite a partilha de ideias, de projetos, de intenções... de vivências e de sonhos (nenhum sistema político, nenhum programa curricular, nenhum decreto-lei... conseguiram travar a máquina do imaginário e do sonho, individual e/ou coletivo, até hoje!).

Em tempos idos, os meninos e as meninas iam à escola para aprenderem a ler, escrever e contar. Não era importante (e ainda não é suficientemente importante) saber ler uma obra de arte porque não se entendia (e ainda não se entende) o *conhecimento em arte*. Infelizmente, a iliteracia (artística) está presente e é uma constante da vida. Cabe, um pouco, a cada um de nós alterar esta realidade.⁴

4 Deixo aqui os meus agradecimentos especiais à Teresa Jardim que em 2002 me desafiou a escrever um texto didático, “As Artes Plásticas na Madeira: contextualização histórica” que acompanhava a exposição “À tarde, em frente” de Alice Sousa (pintura) e de Gil Bazenga (escultura), realizada na Galeria de Arte Francisco Franco, que serviu de base a uma parte da presente comunicação. Uma palavra de agradecimento (e forte reconhecimento) a Isabel Santa Clara, pela sua persistência em formar, divulgar e promover as artes plásticas madeirenses, dentro e fora do espaço geográfico da ilha, mas acima de tudo pela qualidade e imparcialidade dos seus trabalhos que abarcam épocas desde o século XV à arte contemporânea (e claro, pela grande disponibilidade em orientar-me nas minhas pesquisas). E, por fim, umas palavras de gratidão dirigidas ao Paulo Esteireiro pela organização do presente evento, I Congresso Regional de Educação Artística, e por me ter “desviado” das minhas preocupações atuais (o Barroco na Ilha da Madeira) obrigando-me a pensar e repensar problemáticas educacionais.

Referências Bibliográficas

- 20 anos de Artes Plásticas na Madeira* (1999). Funchal: Museu de Arte Contemporânea do Funchal.
- Barata, Filomena (1991). "Conservação, salvaguarda e valorização dos sítios arqueológicos" em *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Ed. Alternativa Gráfica.
- Calabrese, Omar (1986). *A Linguagem da Arte*. Lisboa: Editorial Presença.
- Câmara, Paulo Perestrello (1841). *Breve notícia sobre a Ilha da Madeira ou memórias sobre a sua geographia, história, geologia, topographia, agricultura, commercio, etc.* Lisboa: Tipographia da Academia de Bellas Artes.
- Campos, José António Freitas (2004). "Parceiros na Educação" em *Escolas e Museus*. Lisboa: Ed. EDP – Gabinete da Comunicação e Imagem.
- Clode, João José Edward (2000). *Contribuição para uma biografia de William Edward Clode*. Funchal: Ed. do autor.
- Faria, Cláudia Ferreira (2005). *Phelps – Percursos de uma família britânica na Madeira de Ditocentos*. Funchal: Universidade da Madeira (dissertação de Mestrado em Cultura e Literatura Anglo-Americanas, policopiado).
- Gonçalves, Alexandra. *Joaquim Leonardo da Rocha: primeiro professor da aula de desenho e pintura do Funchal*. Funchal: Universidade da Madeira (dissertação de Mestrado, policopiado).
- Horizonte móvel: Artes Plásticas na Madeira 1960-2008* (2008). Funchal: Funchal 500 Anos, Museu de Arte Contemporânea do Funchal.
- Lélis, Carlos (1999). *As ilhas d'invenção*. Funchal: Edição do autor.
- Read, Herbert (1982). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- Rodrigues, José Gualter (2008). *Rigo – Artista plástico ativista, conceptualista*. Funchal: Universidade da Madeira (dissertação de Mestrado, policopiado).
- Sainz-Trueva, José; Veríssimo, Nelson (1996). *Esculturas da Região Autónoma da Madeira*. Funchal: DRAC.

- Santa Clara, Isabel (1993). "Porta 33" em *Artes & Leilões*, n.º 22, Out./Nov. Lisboa.
- Santa Clara, Isabel; Valente, Carlos (2000). "(Re) visões acerca do Ensino Artístico na Madeira", em *Arte Ibérica*, n.º. 38, agosto. Lisboa. 44-46.
- Serrão, Vítor (2001). *A Cripto-História de Arte – Análise de obras de arte inexistentes*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Serrão, Vítor (2009). "A História da Arte em Portugal e a consciência do estudo e salvaguarda do Património histórico-cultural". Lisboa: IHA/FLUL (texto policopiado).
- Valente, Carlos (1999). *As Artes Plásticas na Madeira (1910-1990) – Conjunturas, factos e protagonistas do panorama artístico regional no século XX*. Vol. I. Funchal: Universidade da Madeira (dissertação de Mestrado em História da Arte, policopiado).

Abreviaturas e Siglas

AMBAM	Academia de Música e Belas Artes da Madeira
AMM	Academia de Música da Madeira
CMCL	Câmara Municipal de Câmara de Lobos
CMF	Câmara Municipal do Funchal
CMSC	Câmara Municipal de Santa Cruz
DRAC	Direção Regional dos Assuntos Culturais
IBTAM	Instituto do Bordado, Tapeçarias e Artesanato da Madeira
IHA/FLUL	Instituto de História da Arte / Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
ISAD	Instituto Superior de Arte e Design
ISAPM	Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira
MASF	Museu de Arte Sacra do Funchal
RAM	Região Autónoma da Madeira